

UM NATAL PARA TODOS - DA ANTIGUIDADE ATÉ OS DIAS ATUAIS

ANA PAULA ARNAS DIAS ¹

Resumo

Esse artigo vai abordar os fatos históricos relacionados ao natal, os símbolos, as transformações e as várias interpretações desta festa tão comemorada em quase todo o mundo, bem como a desconstrução do natal pelo consumismo e quais são os verdadeiros valores que precisamos resgatar.

Palavras-chave: natal; origem; consumismo, Papai Noel; valores e família.

Abstract

This article aims to analyze the historical facts related to Christmas, the symbols, the transformations and the various interpretations of this festival so celebrated in almost the whole world, as well as the deconstruction of Christmas by consumerism and what are the true values that we need to rescue.

Keywords: Christmas; origin; consumerism, Santa Claus; values and family.

O natal é notadamente conhecido como a maior festa cristã em várias partes do mundo, data que as pessoas comemoram o nascimento de Jesus Cristo, uma das maiores personalidades que já passou pelo planeta terra. Tal celebração também é momento de reflexão, de reunir os entes queridos, celebrar a vida e agradecer. O que muitas pessoas não sabem é que as origens do natal são anteriores ao próprio cristianismo.

Nos primórdios, os primeiros homens eram caçadores e passavam a maior parte do tempo em ambiente externo, à procura de comida, de modo que o clima interferia drasticamente em suas vidas e na sobrevivência. Tamanha era a importância do tempo que o Sol era venerado como se fosse um Deus.

Os historiadores relatam que as origens do Natal são, na verdade, por volta de 7 mil anos antes da passagem de Jesus na Terra e se confunde com a própria história da civilização, isso porque os primeiros homens sempre celebravam o sol como um presente e começaram a desenvolver celebrações de agradecimento e exaltação.

¹ Advogada, vice-presidente da Associação de Defesa do Consumidor do Mato Grosso do Sul - ADECON - MS, e-mail: anapaularnasdias.adv@gmail.com

A mais icônica destas celebrações era em razão do solstício de inverno, a noite mais longa do ano no hemisfério norte, que acontece no final de dezembro (data atual do natal). Após o solstício de inverno, o sol fica cada vez mais tempo no céu, até o auge do verão. Os primeiros homens consideravam este o ponto de virada das trevas para a luz, o que era chamado de “renascimento” do Sol.

Com o passar do tempo, o homem deixou de ser caçador e desenvolveu a agricultura como atividade principal, entretanto, o Sol não deixou de ter extrema importância. A exemplo desse fato, os dias mais longos e de fato ensolarados, influenciavam diretamente nas colheitas. Mais uma vez o astro maior era motivo de grandes celebrações e festas.

Várias outras civilizações cultuavam e adoravam o Sol, como a Mesopotâmia, que festejava por 12 dias. Na mesma época os gregos cultuavam Dionísio, o deus do vinho, das festas exageradas e de vida controversa, enquanto os egípcios celebravam e refletiam sobre a ida do deus Osíris para o mundo dos mortos.

A festa em comemoração ao solstício de inverno migrou para a Europa por volta do Século 4 a.C. Em razão das expansões militares do exército romano, comandados por Alexandre o Grande, Roma conquistou o Oriente Médio e teve acesso às tradições culturais e festividades daqueles povos.

Muitos militares se identificaram com a cultura e começaram a celebrar Mitra, o deus da luz, festa que acontecia no dia 25 de dezembro, o que nada mais era do que comemorar o velho solstício de inverno. E assim, as celebrações dedicadas ao Deus Sol chegaram ao todo poderoso Império Romano.

Os Romanos fizeram suas adaptações e Mitra, então, ganhou uma celebração exclusiva: o Festival do Sol Invicto e de Mitra também derivou outro festival, denominado de *Saturnália*, que durava uma semana e servia para homenagear Saturno, senhor da agricultura. O ápice da *Saturnália* era os sacrifícios em homenagens aos Deuses.

Em meio aos sangrentos sacrifícios, todos se felicitavam, comiam e trocavam presentes”, conforme relatos dos historiadores Mary Beard e John North no livro *Religions of Rome* (“Religiões de Roma”). Além dos sacrifícios era comum a realização de grandes orgias, tudo em prol de Saturno, mas devemos lembrar que para isso os romanos só precisavam de uma desculpa, já que as festas regadas a sexo e bebidas eram tradicionais o ano todo. Na mesopotâmicos a festividade também envolvia sacrifícios, na celebração do

“Zagmuk”, uma festa pagã, era escolhido um homem para ser sacrificado como oferenda para a divindade. Isso, supostamente, evitaria que monstros despertassem

Inúmeras outras civilizações e povos também celebravam o sol ou o passar do tempo, entretanto, em face da existência de milhares de eventos similares escolhemos apenas as celebrações mais importantes e com maior correlação com o natal.

No século IV, o Cristianismo se consolida como um dos grandes fenômenos da humanidade, exercendo extrema influencia no comportamento humano, ditando regras e costumes. Em consequência, surge uma das instituições mais poderosas da humanidade, a igreja católica, que em grande parte do mundo passa a tutelar os interesses do cristianismo, bem como interpretar seus dogmas e impor suas regras próprias de condutas aceitáveis aos olhos de Deus. Desta forma, as festividades pagãs foram convertidas em um evento mais aceitável aos olhos da igreja, que fora denominado de Natale Domini (Natal do Senhor).

Tendo em vista a incerteza sobre a exata data de nascimento de Jesus Cristo, essa festa serviu para pacificar o dia 25 de dezembro como o nascimento de Jesus Cristo e por corolário lógico se tonou o marco principal das celebrações cristãs. A expressão Natal é originária do latim “natalis” que, deriva do verbo nascer (nāscor).

Da mesma forma que o Cristianismo se expandiu pelo mundo o Natal também acompanhou essa tendência, só que, a grande responsável pela difusão do natal pelas civilizações mundiais foi a Inglaterra. No século 19 a Inglaterra e a França ditavam a moda, e conseqüentemente, toda a burguesia mundial se inspirava nos ingleses e franceses, contando com o protagonismo da família real inglesa para que essa moda ser aceita.

Em 1843, Charles Dickens escreveu o maior de todos os contos de natal “Um Conto de Natal”. A narrativa conta a história de um avaro que é visitado por três fantasmas na véspera de Natal, que lhe proporcionam viajar pelo tempo em uma jornada de aprendizado moral e de valores, os verdadeiros valores do natal. Esse livro foi, na verdade, uma crítica a burguesia inglesa, que desde então já começava a desvirtuar os reais valores do natal e propagar os valores da REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, as necessidades de consumo para atender a explosão industrial, Dickens foi o primeiro a criticar o consumo desenfreado e a desvirtuação do natal.

O livro chamou a atenção dos leitores para uma Inglaterra individualista e egoísta, corrompida moralmente e indiferente as desigualdades sociais. O escritor acreditava que seu livro poderia despertar nas pessoas o entendimento do verdadeiro propósito do natal, valores de família, paz, amizade, religiosidade entre outros.

Charles Dickens estará para sempre eternizado na literatura mundial. Seu livro não conhece limitações temporais e está atualizado até os dias atuais, mostrando que mesmo que sua empreitada não tenha sido bem-sucedida e a humanidade cada vez mais se corrompe moralmente, sua luta ainda vive.

Na época, a família real inglesa era a “família propaganda” do lúdico natal vitoriano, colorido, enfeitado e regado a presentes caros, sendo este o modelo ideal das famílias “felizes” em todo o mundo, alcançando o ápice em 1848, quando a London News publicou uma gravura da comemoração do Natal no castelo de Windsor, que virou um verdadeiro frisson pelo mundo e todos queriam imitar. Estava implantado o modelo/padrão de natal perfeito.

As crianças “burguesas” foram as únicas que tinham o direito de se esbaldar no lúdico conto de fadas do natal vitoriano, ou seja, eram elas os anjinhos bondosos que ao fim do ano eram recompensadas com lindos presentes pelo gordinho mais simpático e charmoso da época. Estamos falando do PAPAÍ NOEL.

Impulsionada pela revolução industrial e pelas fábricas, os brinquedos se tornaram mais abundantes e o mercado imediatamente entendeu o apelo que o natal tinha para impulsionar as compras de fim de ano. Papai Noel havia se transformado no melhor amigo do mercado e das indústrias, que investiram maciçamente em publicidade, explorando a imagem do bom velhinho, o que é uma prática comum até os dias atuais.

A publicidade é tão forte e influente que é comum pessoas confundirem e pensarem que o Papai Noel é, na verdade, uma criação da Coca Cola. Alguns pensadores modernos desenvolveram um ódio pelo bom velhinho; tecem fortes críticas a este personagem estereotipado, como podemos perceber do trecho retirado da musica de autoria da banda Punk “Garotos Podres”, intitulada de Papai Noel Filho da P**** (sic), vejamos:

Papai Noel filho da P**** (sic)
 Rejeita os miseráveis
 Eu quero matá-lo
 Aquele Porco Capitalista

Presenteia os ricos
 E cospe nos pobres
 Presenteia os ricos
 E cospe nos pobres

Registro que não comungamos das duras e fortes críticas externadas pela banda citada, apenas entendemos que a imagem do bom velhinho foi tirada do contexto e destorcida ao longo dos anos, entretanto, sua essência é sim boa e fraterna.

Na verdade, as origens do Papai Noel são bem mais nobres do que as atuais propagandas publicitárias. O Papai Noel é um dos maiores símbolos do natal, entretanto, sua inspiração é de um santo católico.

Então vamos explorar a fantástica história do PAPAÍ NOEL. Seu nome era Nicolau Taumaturgo, um bispo que viveu entre os séculos III d.C. e IV d.C. Conhecido como São Nicolau, tal homem viveu na Turquia e era reconhecido por sua generosidade, bondade e amor ao próximo. São Nicolau era muito rico e filho de uma família tradicional e abastada. Quando seus pais morreram, ele utilizou sua herança para distribuir presentes e fazer o bem aos pobres; tinha forte atuação junto as crianças órfãs.

O episódio mais famoso, responsável por difundir a lenda do Papai Noel foi quando São Nicolau conheceu um homem muito pobre que tinha três filhas. Naquela época, as meninas que não tinham dotes estavam fadadas a não conseguirem se casar e na maioria das vezes eram levadas à prostituição.

As filhas do pobre homem eram desprovidas de dotes e estavam com muito medo de terem que se tornar prostitutas para conseguirem sobreviver. São Nicolau, então, doou dotes para cada uma delas para evitar que elas entrassem no caminho da prostituição. Assim nasceu a lenda e o simbolismo do Papai Noel.

O que podemos observar ao longo dos tempos é que independente da celebração que originou e inspirou o natal, todas as festividades celebravam primordialmente a vida, as dádivas do mundo, o privilégio de poder todos os dias acordar e sentir o sol, o ar, poder contemplar o quanto maravilhoso é o nosso mundo e quanto é especial estar aqui, mesmo que de forma passageira.

Os primeiros homens compreendiam que a vida é um presente que não pode ser desperdiçado; eles faziam questão de passar isso para as futuras gerações, até as festividades sangrentas e com sacrifícios humanos tinham o seu propósito de agradecimento, tanto que o próprio sacrificado entendia a sua escolha como um privilégio em prol da coletividade e da sua linhagem eterna.

Acontece que, com o passar dos tempos, outros interesses se apropriaram indevidamente das festividades de fim de ano, em especial do natal e desvirtuaram

totalmente o propósito desta festa, de celebração do nascimento de Jesus Cristo, de gratidão, agradecimento pela vida, de comunhão familiar e tantos outros valores inerentes para uma finalidade ESTRITAMENTE COMERCIAL. Se apoderaram de tal data para potencializar lucros – comércio como costumeiramente faz com outros simbolismos religiosos e culturais também se aproveitou de Jesus Cristo e seus valores para marketing e vendas – imbuindo desde cedo em nossas crianças que o Natal é a época de garantir bons e caros presentes, que esta é uma oportunidade de ganhar o que você sempre sonhou o ano inteiro.

Por outro lado, os pais devem trabalhar duro e garantir que seus pequenos não serão frustrados, seja pela comparação com outras crianças, seja pela mídia ostensiva que faz questão de realizar uma verdadeira “lavagem cerebral”. É publicidade ostensiva de brinquedos, de beleza, de tecnologia etc., induzindo ao consumo desmedido.

A Associação de Defesa do Consumidor de Mato Grosso do Sul ADECON-MS, entidade representada pela subscritora deste artigo, está atenta as doenças modernas do consumo, ao consumismo desenfreado e acompanha com temor as mazelas da sociedade.

ESTAMOS DOENTES! Somos expostos, diariamente, aos padrões aceitáveis e inalcançáveis de consumo. Nossas crianças e jovens sofrem com depressão e outros males psicológicos devido a isso. A citada Associação irá lutar para combater as práticas abusivas de consumo e debater com a sociedade a necessidade de maior proteção para as crianças e jovens.

Precisamos resistir, resgatar os valores dos nossos antepassados, cultivar a vida, elevar e ensinar os verdadeiros valores do natal, sermos gratos pelas pequenas coisas e AGRADECER SEMPRE. Temos a obrigação de ensinar aos nossos filhos, o valor da família e dos momentos, pois só assim estaremos contribuindo para a cura da humanidade para a libertação das amarras dos padrões. As crianças não precisam se sentir pressionadas para atingir padrões impostos pelo mercado, NÃO SOMOS ESCRAVOS DO MERCADO.

Desejamos a todos um feliz natal e um próspero ano novo, que possamos celebrar a vida ao lado das pessoas que amamos em vez de cultivar o consumo. Que o sangue dos nossos antepassados nos faça lembrar que o maior presente é estar vivo, compartilhando momentos passageiros, pois, por mais clichê que pareça “o que se leva da vida... é a vida que se leva”